IdeAs

Idées d'Amérique

9 | 2017

Poètes et éditeurs : diffuser la poésie d'avant-garde américaine (depuis 1945)

Poetas e editores: divulgação da poesia de vanguarda americana (desde 1945)

Hélène Aji e Modesta Suárez

Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/ideas/4741>

DOI: 10.4000/ideas.4741

ISSN: 1950-5701

Este artigo é uma tradução de:

Poètes et éditeurs : diffuser la poésie d'avant-garde américaine (depuis 1945) - URL : <https://journals.openedition.org/ideas/1905> [fr]

Outra(s) tradução(ões) deste artigo:

Poets and Publishers: Circulating American avant-garde poetry since 1945 - URL : <https://journals.openedition.org/ideas/2093> [en]

Poetas y editores: divulgando la poesía de vanguardia desde 1945 - URL : <https://journals.openedition.org/ideas/2094> [es]

Editora

Institut des Amériques

Referência eletrônica

Hélène Aji e Modesta Suárez, «Poetas e editores: divulgação da poesia de vanguarda americana (desde 1945)», *IdeAs* [Online], 9 | 2017, posto online no dia 18 dezembro 2018, consultado o 19 outubro 2022. URL: <http://journals.openedition.org/ideas/4741> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/ideas.4741>

Este documento foi criado de forma automática no dia 19 outubro 2022.

Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - CC BY-NC-ND 4.0
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Poetas e editores: divulgação da poesia de vanguarda americana (desde 1945)

Hélène Aji e Modesta Suárez

- 1 Foi nos últimos cinquenta anos do século 20 e na primeira década do século 21 que as questões práticas relacionadas com a divulgação da poesia de vanguarda chegaram a ser consideradas. Com o desenvolvimento da teoria da recepção, as modalidades pelas quais os poetas são capazes de compartilhar seus trabalhos e experiências, com implicações técnicas, econômicas, sociais e políticas, tornaram-se um objeto de investigação mais importante. As imprensas de pequenas tiragens, bem diferentes das prensas que, no passado, obrigavam os autores a imprimir eles mesmos seus livros, tentaram se afirmar no âmbito editorial como laboratórios de vanguarda. Na promoção das obras inovadoras, elas acompanham os pequenos jornais e revistas, que desempenharam um papel estratégico na transição para a era modernista do século 19. Emergentes na década de 1920, em particular em Paris com a livraria Shakespeare & Co. como centro principal, as pequenas imprensas adquiriram após a Segunda Guerra Mundial uma maior visibilidade e uma maior divulgação, através das mudanças tecnológicas que permitiram a realização de impressões menos confidenciais, a venda em livrarias, em oposição à venda por assinatura, e a promoção de leituras públicas.
- 2 A famosa leitura de “Howl”, de Allen Ginsberg, na Galeria Six em San Francisco, concomitante à publicação pela editora e livraria City Lights em 1956, é emblemática a esse respeito. O mercado editorial está em plena mutação, o que leva a poesia experimental até a revolução digital, a qual oferece novas possibilidades de composição e de difusão de obras que já não são apenas textuais, mas que incorporam uma dimensão intermedial e são transformadas por novos modos de performance poética.
- 3 Num contexto onde todo o ecossistema editorial está mudando profundamente, tanto os editores como os poetas atuam com novas estratégias de proximidade e de confiança. Numa dinâmica semelhante à que produziu o poeta-crítico, um teórico que é ao mesmo tempo praticante de sua arte, hoje há vários exemplos de poetas editores que fazem da

prática editorial um verdadeiro manifesto poético. Vanessa Place, com Les Figs Press, é um dos mais recentes exemplos desses poetas que publicam as obras de outros poetas, compondo constelações estéticas e éticas operativas na paisagem da poética contemporânea. Como estas editoras e os poetas que lhe entregam suas obras contribuem para o desenvolvimento de uma poesia original, num contexto editorial muitas vezes marcado por um declínio comercial do livro e da poesia? Em que medida estas pequenas imprensas agem como correias de transmissão de iniciativas estéticas que de outra forma permaneceriam sem leitores? A flexibilidade editorial adquirida por editores independentes – tanto no que diz respeito à circulação de volumes quanto à frequência de publicações – também permite que sejam aceitos coletâneas ou textos onde as exigências da diagramação, a experimentação visual, o entrelaçamento de textos e imagens manifestam um desejo de partilha estética e um compromisso semelhante a um significado de objeto-livro. A experiência artesanal, no melhor sentido do termo, e a experimentação poética se aliam na realização de obras totais, que deslocam a poesia para o campo das artes plásticas ou até mesmo da arte sonora. Estas obras ficam de fato fora dos circuitos de padronização que caracterizam a economia dos bestsellers e seus métodos de produção industriais.

- 4 Podemos até falar, assim como o faz o poeta americano Barrett Watten, de uma “de-totalização sistêmica”, levando a uma reestruturação da paisagem poética em redes e arquipélagos? Os artigos deste número da *Ideas*, dando um enfoque sobre estas editoras marginais e fundamentais, buscam fornecer algumas respostas para a questão da mercantilização da publicação. Mostram como alguns editores sabem colocar os métodos da globalização cultural a serviço de poetas cuja originalidade às vezes beira o hermetismo. A reflexão centra-se então no mundo da publicação, nas margens e nos seus objetos: ela se debruça sobre textos poéticos inspirados e informados por um conhecimento íntimo das recentes inovações da sociologia, da filosofia, da linguística e dos estudos culturais, visando a uma avaliação transnacional das questões da divulgação da poesia de vanguarda.
- 5 Adotando, de maneira inédita, um olhar americano que abrange o continente inteiro (dos Estados Unidos à Terra do Fogo), os textos aqui publicados iluminam as práticas vanguardistas poéticas do final do século 20, sua publicação e divulgação. Aparecem então táticas semelhantes, levando a pensar que a questão da “bibliodiversidade” é provavelmente uma resistência compartilhada contra um pensamento único, consensual e “vagaroso” (Jean-Luc Nancy). Esta “bibliodiversidade” é a prova da resiliência das editoras que julgávamos demasiadamente pequenas ou efêmeras para posicionar-se num ecossistema que muitas vezes se radica unicamente no critério de rentabilidade. É também a prova do poder dos poetas de vanguarda, de sua determinação e de sua vontade de se reunir com o leitor, quando eles são ainda pouco conhecidos. Quando adquirem uma reputação, geralmente permanecem fiéis a estas pequenas editoras, mostrando uma grande perseverança nas suas relações com as modalidades de publicação alternativas. Pierre Bourdieu, em “*Une révolution conservatrice dans l’édition*” (Bourdieu, P., 1999: 14) formula precisamente as questões dessa rebelião editorial, que também é, nas Américas, a afirmação de um discurso poético, assim como uma ideologia alternativa:

[com] recentes pequenas empresas que, estando em fase de acumulação inicial de capital, são quase destituídas de qualquer tipo de capital, mesmo que elas detenham um capital simbólico na forma de estima ou de admiração de alguns

“descobridores”, críticos e escritores de vanguarda, livreiros iluminados e leitores informados.

- 6 Entendemos, assim, como essas editoras acumulam um capital simbólico que acabam por constituir seus fundos editoriais, atraindo logo novos poetas, para publicações que combinam e-books, textos integrando opções visuais ou espaciais e materiais audiovisuais ou edições de grandes formatos.
- 7 Na vanguarda desta tendência, há também o que é chamado, na América Latina e em outros lugares, de “editor de criação”. Além da estrutura mesma das editoras, esses editores levantam a questão da criação de um catálogo com, por exemplo, problemas de equilíbrio entre a edição e o excesso de produção de livros, a solidariedade entre os novos títulos e o acervo global, a distribuição e as relações com o público através de palestras, debates e outras performances. Provavelmente, estamos aqui em presença de uma forma de ativismo que caracteriza muitos editores e poetas citados nestas páginas, com a capacidade de implementar uma ética que respeita as diferentes profissões que compõem a cadeia do livro, a nível local ou internacional.
- 8 Logo, a necessidade de divulgação e o desejo do leitor afetam a natureza da escrita poética, o que leva os poetas a procurarem novas formas textuais suscetíveis a circular de maneira diferente do que pelos canais convencionais da livraria ou da biblioteca, com fileiras de livros bem ordenadas e páginas impressas de forma adequada. Alguns textos existem apenas em leituras em voz alta e devem ser ouvidos: tal livro contém apenas imagens e CDs de áudio (Vanessa Place, *Last Words*, Dis Voir, 2015); tal outro nos desafia a ler a Internet numa versão física (papel), numa instalação com mais de 10 toneladas de folhetos que “publicam” o texto da web (Kenneth Goldsmith, *Printing Out the Internet*, Labor Art Gallery, México, Julho 2013). Esta exposição de um poeta americano no México é reveladora da convergência, das redes de influência e do diálogo que ligam o norte e o sul do continente americano. Precisamente, um dos objetivos principais dos artigos aqui reunidos em torno da edição da poesia de vanguarda é demonstrar essa convergência, pelo co-desenvolvimento de experiências editoriais que até agora não têm sido consideradas como um fator de integração da poesia americana, poliglota, cosmopolita e preocupada com a audibilidade de muitas vozes.
- 9 Na abertura deste dossiê, num texto tão reflexivo quanto polêmico e também poético, Jacques Darras interroga-se e nos chama a atenção sobre o status da poesia no momento presente. Preocupado com a desvalorização do texto poético na era da mercantilização da cultura e dos critérios de negócios estabelecidos pelo mundo editorial, ele também está preocupado com um crescente isolamento devido ao elitismo de uma poesia definida pela hermetica e pela confidencialidade. O leitor é convidado a voltar-se para a tradição europeia, a de Rilke, em particular, que dá missões bem diferentes à poesia. Envolvida em seu tempo e em seu ambiente político e econômico, a poesia deve lutar no mesmo terreno que todas as artes para falar a um público que não se enclausuraria no círculo interno de alguns especialistas. É através da invenção de novas formas que visam o mundo de hoje, como o *slam*, que o poema pode encontrar ou recuperar os canais de sua difusão máxima, a qual faz do poeta um abridor de caminhos e um descobridor de novas ordens.
- 10 Nesta perspectiva, se destaca a figura de Manuel Gleizer, editor dos autores da vanguarda histórica argentina, daqueles que também foram chamados de “escritores sem livros”. A editora de Gleizer estava completamente abandonada na década de 50,

mas ele vai se tornar “o mais velho dos editores [que] publica o mais jovem dos poetas”, Juan Gelman, e tudo isso depois de ter sido, desde 1930, editor, livreiro e descobridor. Gema Areta mostra que há uma passagem real de testemunha de uma geração à outra, de Raúl González Tuñón a Juan Gelman, entre poetas revolucionários, através deste intercessor que é Gleizer. O editor-livreiro transformou-se num agente, e não apenas num meio da revolução poética.

- 11 Ora, é essa negociação difícil entre publicação relativamente “mainstream” e publicação alternativa que é o tema da reflexão de Clément Oudart: mesmo que a oportunidade de publicar obras na editora novaiorquina de James Laughlin (New Directions) ainda fosse percebida como uma forma de consagração no meio da poesia experimental americana, para o poeta californiano Robert Duncan (1919-1988) as pequenas publicações subterrâneas e as alternativas ao circuito institucional da edição foram ainda mais atraentes. A bibliografia detalhada do autor revela as mudanças radicais feitas pelo autor em sua política em matéria de publicação. Antes de publicar na New Directions, e depois entre cada um dos volumes publicados na editora, o poeta escolheu publicar muitos panfletos e folhetos com baixa tiragem. Esta escolha de pequenas publicações não só reflete seu gosto por pequenas editoras, mas também demonstra a busca visceral de autonomia do autor em relação ao império editorial.
- 12 De fato, Duncan seguiu uma linha editorial marcada pelas estratégias da vanguarda europeia do início do século 20. O texto de Barbara Montefalcone indica a relação entre a atividade dos editores independentes e a prática da colaboração artística e literária. O contexto artístico e literário dos Estados Unidos após a Segunda Guerra Mundial, embora diferente daquele do início do século 20 na Europa, tem paralelos interessantes relacionados com o papel da pequena edição e seu encorajamento de colaboração entre artistas e escritores da época. Ao rever o trabalho de editores corajosos como Robert Creeley (*The Black Mountain Review*), Jonathan Williams (Jargon Press) e, mais recentemente, Steve Clay (Granary Books), é possível perceber como, durante a última parte do século XX, a poesia de vanguarda americana encontrou uma maneira de circular e de fazer ouvir sua voz única através de sua associação e colaboração com as artes visuais. Esta dinâmica se reflete numa longa série de trabalhos colaborativos, onde a unicidade dos textos se materializa na aparência concreta dos livros.
- 13 Para Peggy Pacini, a livraria que se torna editora é um local-chave, como no caso de Gleizer: City Lights, uma pequena editora da Costa Oeste dos Estados Unidos, chegou a ser um marco cultural e editorial para toda uma geração de poetas e de artistas, representando um grande órgão da contracultura. A partir de meados da década de 1950, ela se tornou uma das correias de transmissão de uma nova visão poética e estética dissidente e experimental, em particular através da criação da série Pocket Poets. O artigo focaliza-se principalmente no número 4 desta série *Howl and Other Poems* de Allen Ginsberg, cuja censura redistribuiu as cartas da poesia norte-americana contemporânea. Então, as editoras e os poetas se influenciaram mutuamente na construção do movimento da Beat Generation.
- 14 No artigo de Lily Robert-Foley, é a década de 1990 que aparece como o momento culminante de uma evolução cronológica para o desenvolvimento de modos de publicação e de estilos de vida alternativos. A coleção Xerolage da Editora Xexoxial, que publica poesia experimental, imprime os “chapbooks”, pequenos livros de 25 páginas cada um, utilizando uma fotocopadora. Estes chapbooks são impressos numa “comunidade intencional” em Lima (Wisconsin, EUA), que foi fundada em 1991 por

Miekal e Elisabeth Was e foi chamada de *Dreamtime Village*, onde também se pratica a agricultura alternativa, chamada de “permacultura”. O artigo levanta a questão de saber quais tipos de relações poderiam se estabelecer entre as práticas da escrita experimental, a publicação independente e as formas de organizações sociais que resistem aos paradigmas dominantes. A publicação fora dos circuitos editoriais convencionais e o posicionamento da comunidade em oposição à organização econômica geral são as duas facetas de um mesmo desafio contra os princípios da ordem de leitura e da civilização, com base em estratégias paragramáticas do desvio. É um distúrbio que se realiza através da reciclagem, da colagem, e da redescoberta de passado perdidos na criação de novas formas de resistência.

- 15 Simultaneamente, no Brasil iluminado pelo texto de Susana Scramin, edição e revista, muitas vezes, se fundem: é o caso de *Inimigo rumor* (1996-2008; 20 números em dez anos de vida), a revista brasileira da editora de prestígio 7Letras, que não só acolhe diferentes gerações de poetas brasileiros, mas também serve de ponte para poetas argentinos, mas também franceses, portugueses, peruanos. Seu fundador, o editor, também é um poeta cercado por um grupo de autores, que passaram todos pela revista, inicialmente, como jovens poetas.
- 16 A revista se torna uma espécie de local de formação e aprendizagem de poesia, especialmente pela prática da tradução. Desempenhando um papel crucial nos debates de vanguarda, a revista também é um local de publicação suplementar para poetas que não se expressam através do livro.
- 17 Rafael Fariás teoriza essas escolhas do poeta e do editor que afirmam a dimensão política da voz poética. Inspirado por Rancière e pela “nova distribuição do sensível”, o artigo recontextualiza a voz poética e seus meios de comunicação, a fim de mostrar a natureza sintomática das situações socioeconômicas e políticas: no Chile, o texto marginal volta a encontrar seu centro, atravessando a fronteira das instituições editoriais, ultrapassando assim a dicotomia entre duas formas de reconhecimento literário. Nos anos pós-ditadura e logo no século 21, vemos um retorno do livro-objeto e de um questionamento sobre as escolhas individuais do poeta e sobre a prática coletiva de publicação.
- 18 A tensão entre indivíduo e comunidade é ainda mais palpável no artigo de Manuel Brito que aborda a recepção internacional da poesia americana dos Language Poets. Emblematicamente, a maioria dos editores também são autores, demonstrando o papel fundamental dos modos de produção e da interatividade na divulgação da poesia contemporânea. As fontes comuns de inspiração vêm de outras disciplinas como a sociologia, a filosofia, a linguística, e além disso as teorias vêm das duas margens do Atlântico ou ainda de outros lugares. De fato, essa estratégia cosmopolita reforça a poesia experimental norte-americana e é a matriz de um processo de influência mútua e de exploração vanguardista a nível internacional, no final do século 20 e no início do século 21.
- 19 Noura Wedell se interessa por um exemplo particular dos Language Poets americanos, examinando as relações do poema de Barrett Watten, *Progress*, com seu público e com seus contextos econômicos, políticos e socioculturais. O poema, escrito em 1982-83, no final da recessão dos anos Reagan, é uma reflexão sobre a produção cultural num contexto neoliberal hostil, após o fracasso relativo dos movimentos de emancipação dos anos 1960 e 1970, e num momento em que se demantela o horizonte do progresso prometido pelas formas estéticas de vanguarda. O texto de Watten compõe uma voz

cuja instabilidade reflete a experiência da cultura num contexto em que o papel político da arte está contestado. Com este texto, se fundem as questões da forma do poema, de sua dimensão política e de sua publicação pela editora Granary Books.

- 20 Os desafios da difusão da poesia de vanguarda pelas editoras de pequenas tiragens permitem conceituar, pela margem, as dinâmicas conhecidas, muitas vezes descritas e quase sempre menosprezadas, do mundo editorial na era da globalização e da digitalização. Os objetos-livros que estão no centro dos nossos estudos constituem novas formas de expressão poética experimental; eles cristalizam em torno deles comunidades criativas que transcendem os fenômenos de escola e revolucionam as modalidades da visibilidade artística; estes livros contribuem para a democratização da poesia, impulsionando a ação poética de uma localidade frequentemente limitadora a uma universalidade que permanece, até hoje, desconcertante, estocástica e que deverá ser considerada por outras pesquisas.
- 21 Graças a este percurso das poesias e de seus órgãos de divulgação, as coordenadoras deste número esperam fornecer aos seus leitores uma visão mais completa e menos compartimentada pelos limites das nações americanas, num determinado momento de suas mutações: neste continente proliferam iniciativas de dismantelamento das redes convencionais e de contestação das hegemonias econômicas a fim de criar uma poesia original, impulsionada por um desejo constante e excitante - mesmo nos seus limites e fracassos - de comunicar com o público. Na busca contínua de novas modalidades textuais, tecnológicas e editoriais, poetas, editores e poetas-editores visam a construir as redes desta comunicação.

BIBLIOGRAFIA

Bourdieu, Pierre, *Actes de la recherche en sciences sociales*, 1999, vol. 126, n°1.

Goldsmith, Kenneth, *Printing Out the Internet*, installation, Labor Art Gallery, México, julho 2013.

Place, Vanessa, *Last Words*, Dis Voir, 2015.

AUTORES

HÉLÈNE AJI

Hélène Aji est professeur de littérature américaine et directrice de l'UFR des Langues et Cultures Étrangères à l'Université Paris Nanterre. Elle est présidente de la Société d'études modernistes (SEM). Elle est l'auteur de nombreux articles sur la poésie américaine moderniste et contemporaine, ainsi que de trois ouvrages : *Ezra Pound et William Carlos Williams: Pour une poétique américaine* (L'Harmattan, 2001), *William Carlos Williams: Un plan d'action* (Belin, 2004) et *Ford Madox Ford's The Good Soldier* (Armand Colin, 2005). Elle a co-dirigé divers volumes dont *Revues modernistes, revues engagées* (Presses Universitaires de Rennes, 2011), *Selected Poems: From Modernism to Now* (Cambridge Scholars, 2012), *H.D. and Modernity* (Rue d'Ulm, 2014)

et *H.D.'s Trilogy and Beyond* (Presses de Paris Ouest, 2014). À Nanterre, elle a créé, avec Brigitte Félix, le programme de recherches « Conceptualism(e)s » sur la poésie et le roman américains hyper-contemporains et dirige, avec Emily Eells, la collection d'ouvrages « Intercalaires ».

MODESTA SUÁREZ

Modesta Suárez est professeur à l'Université de Toulouse-Jean Jaurès. Membre du laboratoire CNRS FRAMESPA (UMR 5136), ses travaux de recherche portent sur la littérature latino-américaine. Directrice de la collection Hespérides aux PUM (2002-2017), elle a également dirigé l'Institut Pluridisciplinaire pour les Etudes sur l'Amérique Latine à Toulouse entre 2005 et 2010. Membre de l'Institut des Amériques depuis 2007, comme responsable du Groupe de Travail Enseignement, d'abord, puis comme membre du Conseil Scientifique (depuis 2015), elle fait partie du comité éditorial de la revue *IdeAs*. Elle a publié, entre autres ouvrages, *Espacio pictórico y espacio poético en la obra de Blanca Varela* (Xalapa, Universidad Veracruzana, 2012). Ses recherches se concentrent sur la poésie contemporaine de l'ensemble du continent latino-américain. Elle a également publié des articles, des traductions de poésie et des chapitres d'ouvrages sur les rapports entre la poésie et les arts, mais aussi le témoignage en poésie et les relations entre poésie et histoire. Parmi les dernières activités de recherche, on peut signaler l'organisation de trois colloques sur « le poème long / el poema extenso / the long poem » dans les Amériques : « Le souffle long » (Toulouse, 2013), « Mémoire de la mémoire » (Madrid, 2014) et « *Ars poetica* » (Toulouse 2015). modestasuarez@yahoo.fr